



CIVILIZAÇÃO

E OUTROS CONTOS DE

EÇA DE QUEIROZ

ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS
FRANCISCO VILACHÃ

SUPLEMENTO DO PROFESSOR

ELABORADO POR ESTÚDIO CARAMINHOCA



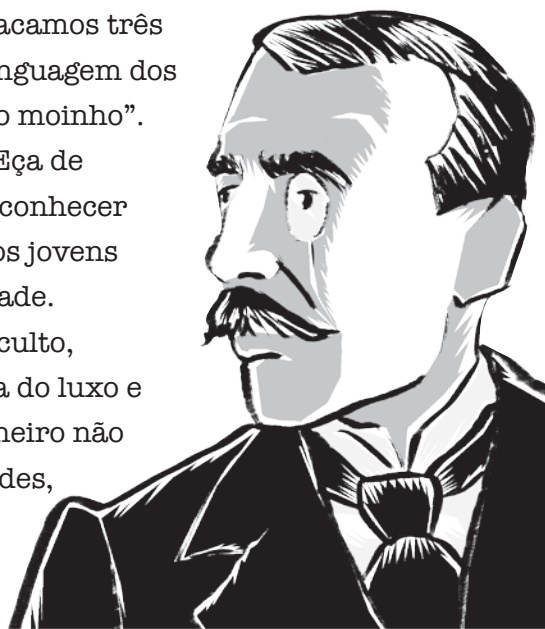
1. O QUE É A HQ BRASIL?

A **Coleção HQ Brasil** foi criada para aproximar os leitores de dois universos aparentemente distintos: o da literatura clássica e o das histórias em quadrinhos. Não se pretende, no entanto, substituir a leitura da obra clássica original por essa adaptação para a linguagem da narrativa visual. A proposta dessa releitura é despertar nos jovens leitores, ainda assustados talvez com a densidade das obras de grandes nomes da literatura brasileira e mundial, o prazer pelo universo literário e pelas inúmeras leituras a que este pode nos levar. Contagiar o leitor com o conhecimento de grandes autores e aproximá-lo, cada vez mais, da leitura do mundo que nos cerca são aspectos que a **Coleção HQ Brasil** considera importantes em sua função educacional e social. Apresentamos, no item 4, breves sugestões para o trabalho com este livro no processo de formação de leitores.

2. ABORDAGEM DOS CONTOS - SINOPSES

Esse livro apresenta ao leitor um dos maiores escritores da literatura portuguesa e certamente o principal deles quando nos referimos ao realismo em Portugal, por ele originado. Muito reconhecido pelos romances, Eça de Queiroz também escreveu contos que, além da qualidade literária, retratavam e questionavam a sociedade de sua época. Nesse livro, destacamos três contos desse autor transpondo-os para a linguagem dos quadrinhos: “Civilização”, “O tesouro” e “No moinho”. Além deles, há trechos de outras obras de Eça de Queiroz que contribuem para que se possa conhecer o seu legado e, assim, despertar o desejo nos jovens leitores de conhecerem sua obra na totalidade.

Em “Civilização”, Jacinto é um homem culto, habitante da grande cidade, e nela desfruta do luxo e do progresso tecnológico, uma vez que dinheiro não lhe é problema. Mesmo com tantas facilidades, Jacinto vivia entediado e infeliz. Apenas desfrutar de tudo que lhe era oferecido, sempre vislumbrando o progresso da

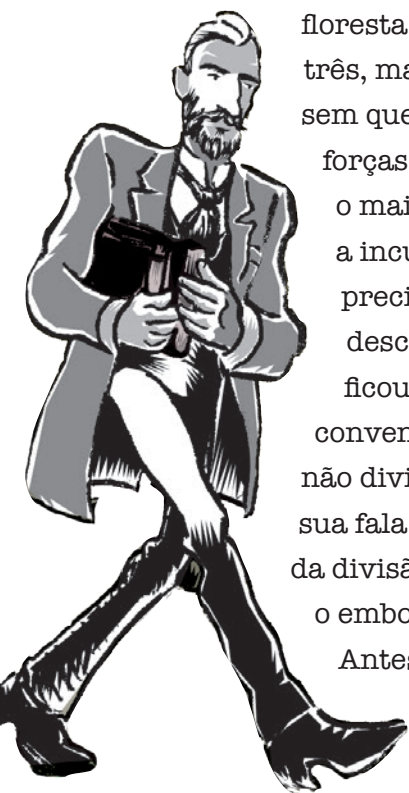


humanidade, era conceito que a todos servia, mas a ele já não bastava mais. Fugindo ao tédio, decide passar uma temporada num velho solar agreste; numa quinta que possuía, mas nem sequer conhecia. No entanto, para garantia de seu conforto, preparou cada um de seus utensílios e providenciou que fossem enviados para lá. Para seu descontentamento, nada do aparato havia chegado ao solar da quinta, que também não fora reformado segundo suas ordens; era o cenário da simplicidade campestre, longe da civilização e do progresso. Aquilo que no primeiro momento entristecia e desapontava Jacinto, foi se revelando a fuga do tédio, que ele tanto procurava, um novo sentido para sua vida. Renovou-se diante da simplicidade rural na qual passou a viver e recuperou a alegria e o otimismo.

Com base nesse conto e na proposta de contrapor o estilo de vida moderno, dito civilizado, à vida no campo, dita mais simples, Eça de Queiroz escreveu adiante *A cidade e a serras*. Portanto, esse conto é adequado para introduzir os leitores no universo da obra desse autor por sua maneira de desvelar aspectos da sociedade que refletem nos dias atuais.

Em “O tesouro”, três irmãos, Rostabal, Rui e Guannes, pobres e famintos, encontram um baú repleto de ouro, abandonado na floresta. Era uma grande fortuna que mudaria a vida dos três, mas não conseguiriam carregar dali todo esse ouro sem que antes providenciassem alforjes e recuperassem as forças, já que pouco comiam fazia dias. Então Guannes, o mais esguio deles, partiu para a vila vizinha com a incumbência de trazer comida e o material de que precisavam. Havia no baú três fechaduras e, dada a desconfiança que os irmãos nutriam entre eles, cada um ficou com uma das chaves. Na ausência de Guannes, Rui convenceu Rostabal (o mais forte deles) de que o irmão não dividiria o ouro com eles caso o achasse sozinho e, com sua fala mansa, elencou motivos para que o matassem antes da divisão do tesouro. Logo na volta de Guannes, os irmãos o emboscaram e coube a Rostabal atingi-lo pelas costas.

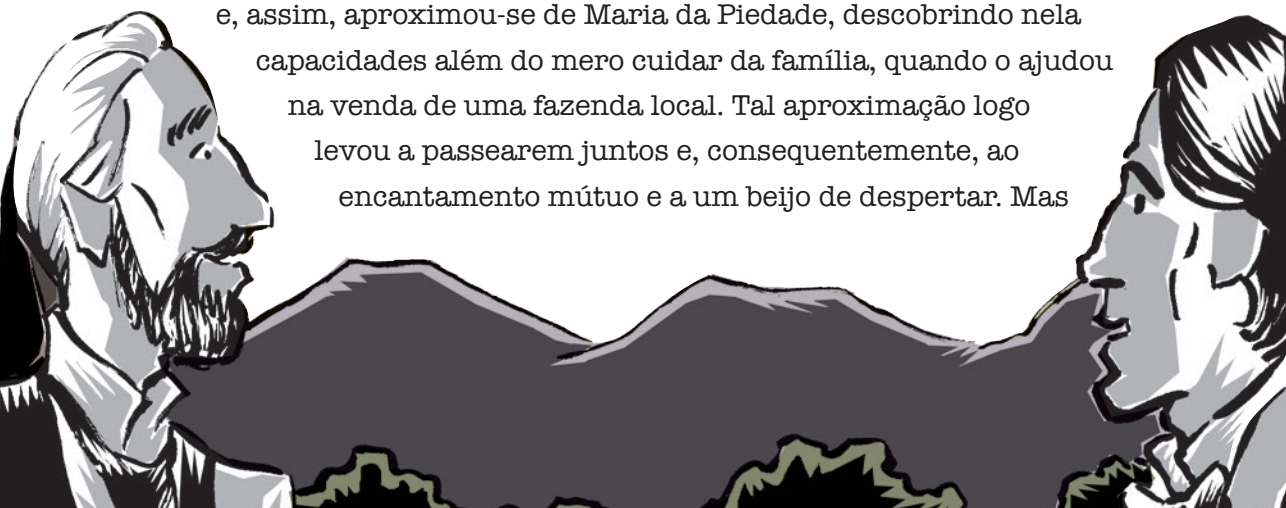
Antes que pudesse perceber que também fora enganado, Rostabal foi traído por Rui e esfaqueado enquanto



limpava a própria lâmina. Estava assim concretizado o plano de Rui, que então tinha as três chaves do tesouro e já se imaginava rico e senhor daquelas terras... Aproveitou-se da comida trazida pelo irmão e não se deu conta de que ele havia comprado apenas duas garrafas de vinho. Depois de beber uma garrafa por completo, sentiu o veneno lhe queimar por dentro e, nos últimos suspiros de vida, clamou pela ajuda de Guannes e Rostabal, que nada mais podiam fazer para salvá-lo. Por fim, é revelado que Guannes também planejava ficar com o tesouro sozinho, motivo pelo qual trouxera apenas duas garrafas de vinho envenenado para dar aos irmãos. E o tesouro? Continua na floresta, no mesmo local onde os irmãos o encontraram.

Nesse conto, Eça provoca o leitor a refletir sobre a relação humana com a riqueza material, questionando nossa moral e nosso egoísmo diante de emoções, anseios e caráter.

Em “No moinho”, Maria da Piedade era uma dona de casa vista como “senhora-modelo” por toda a sociedade. Vivia a cuidar dos filhos e do marido doente, com quem se casara não por amor, mas para deixar a casa dos pais, onde a tristeza e a pobreza dividiam espaço apenas com o azedume da mãe e a bebedeira violenta do pai. Assim, João Coutinho, ainda que doente e aquém da beleza da moça, tornara-se uma alternativa segura, e rica, ao futuro dela. Pouco convivia com a sociedade e se dedicava a cuidar dos filhos – e apenas nisso encontrava prazer. Até que Adrião, um primo de seu marido, escritor e homem célebre, anunciou em carta que viria passar um tempo na vila. Embora não se instalasse na casa de Coutinho, Adrião passou a frequentá-la e, assim, aproximou-se de Maria da Piedade, descobrindo nela capacidades além do mero cuidar da família, quando o ajudou na venda de uma fazenda local. Tal aproximação logo levou a passearem juntos e, conseqüentemente, ao encantamento mútuo e a um beijo de despertar. Mas



Adrião, diante do amor impossível e da dedicação de Piedade ao marido e aos filhos, resolve partir da vila. Maria da Piedade passa a alimentar um amor idealizado por Adrião, o que desperta nela sentimentos desconhecidos até então. Aos poucos, deixa de lado o zelo pelo marido doente e pelos filhos, transformando-se em uma pessoa áspera, rude – certo dia, chega a desejar a morte do marido para se libertar da situação. Por fim, envolve-se com um “malandro odioso”, enquanto filhos e marido ficam esfarrapados. E a sociedade se escandaliza por aquilo em que havia se transformado aquela que um dia fora a “senhora-modelo”.

Nesse conto, Eça de Queiroz apresenta um tema recorrente entre os realistas: a crítica ao romantismo, praticado até aquele momento. Para eles, as temáticas românticas, com a exacerbada idealização humana (sobretudo das mulheres), nada contribuía ao leitor, que se perdia nessa falsa ideia de mundo e de nós mesmos. Não por acaso, Maria da Piedade descobre a literatura romântica quando trai e busca nela referências para viver a realidade que desejava.

3. OS CONTOS E A OBRA DE EÇA DE QUEIROZ

Eça de Queiroz começou a publicar sua obra em folhetins de Lisboa e arredores, em cuja cena jornalística e crítica local era atuante.

Embora trabalhasse como diplomata e tivesse passado boa parte da vida fora de Portugal, Eça de Queiroz acompanhava a realidade de seu país. Desde a publicação de *O crime do padre Amaro*, marco do

realismo português e seu primeiro romance a se tornar

reconhecido, o autor intercalava publicações de contos em periódicos portugueses. Dessa forma, seus contos

se transformam em forma e estilo, de acordo

com o próprio amadurecimento literário, no qual

passeia por seus temas prediletos e suas reflexões

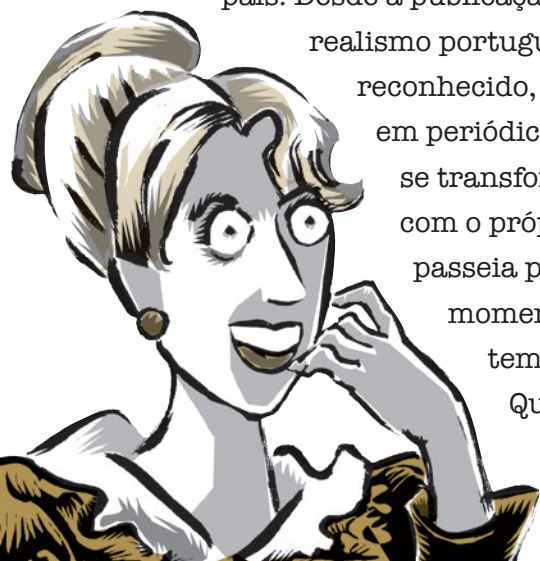
momentâneas. Por isso, podemos identificar

temas e características nos contos de Eça de Queiroz similares àqueles que tratava em

seus romances célebres, como a relação

de “Civilização” com *A cidade e as*

serras; e de “No moinho” com *O primo*



Basílio. Assim, conhecer os contos desse autor muito contribui para entendermos sua obra e seu tempo.

No entanto, cabe ao educador, levando em conta as experiências de leitura dos alunos, decidir como introduzi-los no universo queiroziano. O conto pode ser uma excelente porta de entrada, por suas características de brevidade e poder de síntese. Quando aliado ao poder de sedução e de fascínio que as histórias em quadrinhos exercem sobre os leitores, especialmente nos jovens, torna-se uma ferramenta prazerosa nesse processo que mescla aprendizado com o despertar de um olhar crítico à sociedade.

4. SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Embora a obra de Eça de Queiroz não retrate o ambiente dos dias atuais, podemos nos basear nela para trabalhar aspectos diversos, ainda significativos, tratados pelo autor. Por isso, apresente aos alunos elementos representativos da época, final do século XIX e início do século XX, especialmente de Portugal. Se possível, monte, no espaço de leitura, um painel dedicado aos temas e à ambientação na obra de Eça de Queiroz, cujo conteúdo pode ser pesquisado pelos próprios alunos, de maneira acumulativa, podendo contribuir para o desenvolvimento de atividades como as que propomos a seguir.

- Faça a leitura dramatizada das HQs, na qual um aluno é o narrador e outros, os personagens. Com base nessa leitura, peça que reescrevam um dos contos do livro mudando o foco narrativo para outro personagem. Depois, repita o processo realizando com eles a leitura dramática dessa versão. Isso possibilitará que reflitam sobre o uso da linguagem, utilizando os artifícios necessários para modificar palavras e provocar efeitos no leitor, além de verem a história por outro ângulo, desenvolvendo a empatia com algumas questões.
- Escolha um dos romances consagrados do autor para que os alunos leiam e, com base nele, organizem um seminário para identificar as características em comum entre ele e os contos/textos presentes nesse livro. Eles podem



utilizar o painel desenvolvido inicialmente, acrescentando mais informações.

- O conto “Civilização” aborda a presença da tecnologia no cotidiano do protagonista e o quanto ela influenciava seu modo de conviver. Com base nisso, solicite aos alunos que estabeleçam contrapontos com a realidade atual e que, adiante, cada um elabore uma breve narrativa contando como percebe a influência das inovações tecnológicas em seu modo de viver. É importante que eles enfatizem os pontos positivos e negativos, utilizando argumentos que defendam sua opinião.
- Peça que os alunos escrevam crônicas sobre o cotidiano deles. Como sugestão, podem reler “A propósito do incêndio do Teatro Baquet, no Porto, em 1888”, presente nesse livro, para que percebam esse tipo de texto. Mostre também outros exemplos de crônicas e solicite que citem as características em comum, anotando-as na lousa para facilitar a composição.
- Proponha aos alunos que, em grupos, escrevam – com base em um conto de escolha coletiva – um roteiro de quadrinhos. Não é

necessário que desenhem os quadrinhos, a não ser que haja na turma alguém com essa habilidade ou que enfrente esse desafio. Quanto à roteirização, deixe que reflitam sobre o que poderia ser representado por imagens e o que teria de ser colocado em texto, em balões ou explicações.

- Escolha com os alunos um conto de Eça de Queiroz que não integra esta edição para transformá-lo em peça de teatro e encená-la; o registro dessa encenação – por fotos ou desenhos – pode ser também a base para a elaboração de uma HQ criada pela turma.

Essas atividades contemplam as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa:

EF69LP38, EF69LP44, EF69LP47, EF69LP52, EF89LP27, EF89LP35 e EF09LP03.



5. SUGESTÕES PARA O PROFESSOR

Por meio das atividades sugeridas neste suplemento, pretendemos auxiliá-lo a abordar o livro e o assunto em sala de aula. Contudo, este trabalho não deve ser limitado. Veja, a seguir, algumas indicações de conteúdo para ajudá-lo a expandir as discussões.

AVANCINI, Marta. Eça de Queiroz: embates e afinidades do outro lado do Atlântico. *Jornal da Unicamp*, Campinas, n. 611, 17 out. 2014-2 nov. 2014. Disponível em: www.unicamp.br/unicamp/ju/611/eca-de-queiroz-embates-e-afinidades-do-outro-lado-do-atlantico. Acesso em: 21 jul. 2019.

FUNDAÇÃO Eça de Queiroz. Disponível em: <https://feq.pt>. Acesso em: 21 jul. 2019.

O CRIME do Padre Amaro (em espanhol *El crimen del padre Amaro*). Direção de Carlos Carrera. México, 2002, 118 min. Classificação indicativa: 16 anos.

OS MAIAS. Direção de Luiz Fernando Carvalho. Brasil/Portugal, 2001, 44 capítulos de 40 min. Classificação indicativa: 16 anos.

PRIMO Basílio. Direção de Daniel Filho. Brasil, 2007, 106 min. Classificação indicativa: 16 anos.

